

**ESE, Cap. XVII – Sede perfeitos –
7. INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: O dever**

⁵ O dever íntimo do homem fica entregue ao seu livre arbítrio; o agulhão da consciência, guardião da probidade interior, o adverte e sustenta; mas, muitas vezes, mostra-se impotente diante dos sofismas da paixão. ⁶ Fielmente observado, o dever do coração eleva o homem; como determiná-lo, porém, com exatidão? Onde começa ele? onde termina? ⁷ *O dever principia, para cada um de vós, exatamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou a tranquilidade do vosso próximo; acaba no limite que não desejais ninguém transponha com relação a vós.*

**LE, Livro II, Cap. IV – Pluralidade das existências –
Semelhanças físicas e morais**

208 *Nenhuma influência exercem os Espíritos dos pais sobre o filho depois do nascimento deste?*

“Ao contrário: bem grande influência exercem. Conforme já dissemos, os Espíritos têm que contribuir para o progresso uns dos outros. Pois bem, os Espíritos dos pais têm por missão desenvolver os de seus filhos pela educação. Constitui-lhes isso uma tarefa. Tornar-se-ão culpados, se vierem a falir no seu desempenho.”

**ESE, Cap. X – Bem-aventurados os que são misericordiosos –
16. A indulgência**

⁸ Sede, pois, severos para convosco, indulgentes para com os outros. ⁹ Lembrai-vos daquele que julga em última instância, que vê os pensamentos íntimos de cada coração e que, por conseguinte, desculpa muitas vezes as faltas que censurais, ou condena o que relevais, porque conhece o móvel de todos os atos, ¹⁰ e que vós, que clamáis em altas vozes: anátema! tereis, talvez, cometido faltas mais graves.

¹¹ Sede indulgentes, meus amigos, porquanto a indulgência atrai, acalma, ergue, ao passo que o rigor desanima, afasta e irrita. (JOSÉ, Espírito protetor. Bordeaux, 1963)

Vida e Sexo — Emmanuel – 6. Compromisso afetivo

O dever íntimo do homem fica entregue ao seu livre arbítrio. O agulhão da consciência, guardião da probidade interior, o adverte e sustenta; mas, muitas vezes se mostra impotente diante dos sofismas da paixão. Fielmente observado, o dever do coração eleva o homem ; porém, como determiná-lo com exatidão? Onde começa ele? O dever principia sempre, para cada um de vós, do ponto em que ameaçais a felicidade ou a tranquilidade do vosso próximo; acaba no limite que não desejais ninguém transponha com relação a vós. ESE (O dever), Item 7 do cap. XVII

¹ A guerra efetivamente flagela a Humanidade, semeando terror (...); entretanto, a afeição erradamente orientada, através do compromisso escarnecido, cobre o mundo de vítimas. (...)

⁴ Para que não sejamos mutilados psíquicos, urge não mutilar o próximo.

⁵ Em matéria de afetividade, no curso dos séculos, vezes inúmeras disparamos na direção do narcisismo e, estirados na volúpia do prazer estéril, espezinhamos sentimentos alheios, impelindo criaturas estimáveis e nobres a processos de angústia

e criminalidade, depois de prendê-las a nós mesmos com o vínculo de promessas brilhantes, das quais nos descartamos em movimentação imponderada. (...)

⁹ Sabemos que a Justiça Humana comina punições para os atos de pilhagem na esfera das realidades objetivas, considerando a respeitabilidade dos interesses alheios; no entanto, os legisladores terrestres perceberão igualmente, um dia, que a Justiça Divina alcança também os contraventores da Lei do Amor e determina se lhes instale nas consciências os reflexos do saque afetivo que perpetraram contra os outros.

¹⁰ Daí procede a clara certeza de que não escaparemos das equações infelizes dos compromissos de ordem sentimental, injustamente menosprezados, que resgataremos em tempo hábil, parcela a parcela, pela contabilidade dos princípios de causa e efeito.

¹¹ Reencarnados que estaremos sempre, nesse sentido, até exonerar o próprio espírito das mutilações e conflitos hauridos no clima da irreflexão, aprenderemos no corpo de nossas próprias manifestações ou no ambiente da vivência pessoal, através da penologia sem cárcere aparente, que nunca lesaremos a outrem sem lesar a nós.

Vida e Sexo — Emmanuel — 11. Alterações afetivas

LE (Semelhanças físicas e morais), Questão n.º 208. *Nenhuma influência exercem os Espíritos dos pais sobre o filho depois do nascimento deste?*

R. Ao contrário: bem grande influência exercem. Conforme dissemos, os Espíritos têm que contribuir para o progresso uns dos outros. Pois bem, os Espíritos dos pais têm por missão desenvolver os de seus filhos pela educação. Constitui-lhes isso uma tarefa. Tornar-se-ão culpados, se vierem a falir no seu desempenho.

¹ Muito comum se alterem as condições afetivas, depois que o navio do casamento se afasta do cais do sonho para o mar largo da experiência.

² Converte-se, então, a esperança em trabalho e desnudam-se problemas que a ilusão envolvia.

³ Em muitos casos, a altura da afeição permanece intacta; entretanto, na maioria das posições, arrefece o calor em que se aquecia o casal nos dias primeiros da comunhão esponsalícia.

⁴ Urge, porém, salvar a embarcação ameaçada de soçobro, seja pelo choque contra os rochedos ocultos das dificuldades morais ou pelo naufrágio nas águas mortas do desencanto.

⁵ Parceiro e parceira, nos compromissos do lar, precisam reaprender na escola do amor, reconhecendo que, acima da conjunção corpórea, fácil de se concretizar, é imperioso que a dupla se case, em espírito — sempre mais em espírito —, dia por dia.

⁶ Não se inquiete o par, à frente das modificações ocorridas, de vez que toda afinidade correta, nas emoções do plano físico, evolui fatalmente para a ligação ideal, a exprimir-se na ternura confiante da amizade sem lindes.

⁷ Extinta a fogueira da paixão na retorta da organização doméstica, remanesce da combustão o ouro vivo do amor puro, que se valoriza, cada vez mais, de alma para alma, habilitando o casal para mais altos destinos na Vida Superior. ⁸ Isso acontece, porque os filhos que surgem são igualmente peças do matrimônio, compelindo o lar a recriar-se, de maneira incessante, em matéria de instituto endereçado ao trabalho de assistência recíproca.

⁹ O carinho repartido, em princípio, a dois, passa a ser dividido por maior número de partícipes do núcleo familiar, e esses mesmos condôminos do estabelecimento caseiro, em muitas circunstâncias, são os associados da doce hipnose do namoro e do noivado, que mantinham nos pais jovens, ainda solteiros, a chama da atração entusiástica até a consumação do enlaçamento afetivo.

¹⁰ Quase sempre, Espíritos vinculados ao casal, ora mais fortemente ao pai, ora mais especialmente ao campo materno, interessavam-se na Vida Maior pela constituição da família, à face das próprias necessidades de aprimoramento e resgate, progresso e autocorrigenda. Em vista disso, cooperaram, em ação decisiva, na aproximação dos futuros pais, aportando em casa, pelos processos da gravidez e do berço, reclamando naturalmente a quota de carinho e atenção que lhes é devida.

¹¹ Em toda comunhão mais profunda do homem e da mulher na formação do grupo doméstico, seguida de filhos a lhes compartilhar a existência, há que contar com a sublimação espontânea do impulso sexual, cabendo ao companheiro e à companheira que o colocaram em função aderir aos propósitos da vida, que tudo renova para engrandecer e aperfeiçoar.

¹² Conquanto bastas vezes sejamos recalcitrantes na sustentação do amor egoístico, desvairado em exigências de toda espécie, a pouco e pouco acabamos por entender que apenas o amor que sabiamente se divide, em bênçãos de paz e alegria para com os outros, é capaz de multiplicar a verdadeira felicidade.

Vida e Sexo — Emmanuel – 12. Desajustes

Sede indulgentes, meus amigos, porquanto a indulgência atrai, acalma, ergue, ao passo que o rigor desanima, afasta e irrita. ESE (A indulgência), Item 16 do cap. X

¹ É comum observar-se que o casamento promissor repentinamente adocece.

² Desvelam-se empecos dos cônjuges no ramerrão do cotidiano. Conflitos, moléstias, desníveis, falhas de formação e temperamento. (...)

⁴ Ocorre, porém, que o matrimônio é uma quebra de amarras através da qual o navio da existência larga o cais dos laços afetivos em que, por muito tempo, jazia ancorado.

⁵ Na viagem, que se inicia a dois, parceiro e parceira se revelarão, um à frente do outro, tais quais são e como se encontram na realidade, evidenciando, em toda a extensão, os defeitos e as virtudes que, porventura, carreguem. Desajustes e inaptações costumam repontar, ameaçando a estabilidade da embarcação doméstica, atirada ao navegar nas águas da experiência. (...)

⁸ Urge perceber que o “nós” da comunhão afetiva não opera a fusão dos dois seres que o constituem.

⁹ Cada parceiro, no ajuste, continua sendo um mundo por si. E nem sempre os característicos de um se afinam com o outro. Daí a conveniência do mútuo aceite, com a obrigação da melhoria do casal. Para isso, não bastarão providências de superfície. Há que internar o raciocínio em considerações mais profundas para que as raízes do desequilíbrio sejam erradicadas da mente. ¹⁰ Aceitação, o problema. Forçoso admitir o companheiro ou a companheira como são ou como se aboletam na embarcação doméstica. E, feito isso, inicie-se a obra da edificação ou da reedificação recíprocas.

¹¹ Óbvio que conclusões e atitudes não se impõem no campo mental; entretanto, não se arrepende quem se disponha a estudar os princípios da reencarnação e da responsabilidade individual no próprio caminho.

¹² Obtém-se da vida o que se lhe dá, colhe-se o material de plantio.

¹³ Habitualmente, o homem recebe a mulher, como a deixou e no ponto em que a deixou no passado próximo, isto é, nas estâncias do tempo que se foi para o continuísmo da obra de resgate ou de elevação no tempo de agora, sucedendo o mesmo referentemente à mulher.

¹⁴ O parceiro desorientado, enfermo ou infiel, é aquele homem que a parceira, em existências anteriores, conduziu à perturbação, à doença ou à deslealdade, através de atitudes que o segregaram em deploráveis estados compulsivos; e a parceira, nessas condições, consubstancia necessidades e provas da mesma espécie.

¹⁵ Seja qual seja o motivo em que o tédio se fundamente, recorram os companheiros (...) ao apoio recíproco mais profundo e mais intensivo. ¹⁶ Com isso, estarão em justa defesa da harmonia íntima (...). E reeducar-se-ão, sem hostilizar os que, porventura, lhes demonstrem afeto, mas acolhendo-os, não mais na condição de cúmplices das aventuras deprimentes, a que se renderam outrora, e sim por irmãos queridos, com quem podemos fundir-nos, em espírito, no mais alto amor espiritual.

Chico Xavier pede licença — Emmanuel – 7. Matrimônio

“Venerado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula; porém, aos que se dão à prostituição e aos adúlteros, Deus os julgará.” — PAULO (Hebreus 13:4)

¹ Ninguém naturalmente será compelido a compromissos obrigatórios, diante das leis que nos regem a evolução, mas quando alguém se fixe num acordo sagrado, perante a vida, deve estar preparado a mantê-lo, até a renovação de suas experiências, no quadro dos Desígnios de Deus.

² Entre esses compromissos da Terra, permanece o do matrimônio como um dos laços mais santos.

³ Essa venerável instituição é a raiz de todas as nobres organizações que dignificam o planeta.

⁴ Nos dias que passam, certa situação de desequilíbrio ameaça o caminho de numerosos cônjuges, nas estradas do mundo.

⁵ Porque muitos homens hão desdenhado os seus títulos de paternidade, muitas mulheres vão desprezando os seus valores benditos de mães.

⁶ Os lares são também os lugares santos que vão padecendo transformações.

⁷ Entretanto, a solução essencial dos problemas humanos deve proceder do “leito sem mácula”, pilar da organização sociológica que desejais para os vossos dias.

⁸ Numerosas criaturas acusam o matrimônio e alegam que não encontraram em sua instituição a ventura que lhes é devida. Todavia, se não colheram a felicidade é que necessitavam do trabalho obtido e toda oportunidade de trabalho é caminho para os júbilos do porvir.

⁹ Lares infelizes significam cônjuges inconscientes de seus deveres, com as exceções justas.

¹⁰ Tarde ou cedo, os homens e as mulheres, desviados das obrigações divinas, voltarão à simplicidade inicial para tornarem a apreender no livro da abnegação e do respeito a Deus, porque a existência não é um feriado para indisciplinas, mas um dia de trabalho santo em que o Espírito deve entrar na posse de sua herança eterna, entre as bênçãos de luz e paz da alegria de viver.

Chico Xavier pede licença — Emmanuel – 8. Uniões

¹ Ligeira ponderação acerca de sucesso em casamento, ligação, companheirismo e sociedade nos induz a reconhecer que as criaturas, para serem felizes, em se aproximando umas das outras, não buscam apenas o contato de agentes físicos, mas acima de tudo os recursos da alma.

² Quando na Terra, estamos sempre à caça de valores espirituais intangíveis, através de objetos visíveis, como sejam:

³ paga-se o automóvel, não para nos apossarmos de um monte de peças inteligentemente encadeadas, e sim para desfrutarmos a alegria de ganhar tempo;

⁴ adquire-se o livro, não para retermos um tijolo de papel e tinta e sim, para colhermos nele, a informação ou a cultura de que se faça mensageiro;

⁵ obtém-se a lâmpada, não para que venhamos a guardá-la por mimo técnico, à feição de relíquia, e sim para que ela nos transmita a luz de que carecemos;

⁶ consegue-se um par de óculos, não para nos enfeitarmos com as lentes que o compõem e sim para assegurarmos o necessário auxílio aos olhos, no setor da visão;

⁷ compra-se o cobertor, não para adornarmos o leito com os primores da indústria e sim para que tenhamos, por ele, o calor suficiente que nos resguarde contra os golpes do frio.

⁸ Assim também nas uniões afetivas para a consagração dos interesses mútuos de qualquer natureza.

⁹ Procura-se na esposa ou no esposo, no parceiro ou na parceira, no amigo ou no sócio, não a pessoa física em si, mas a criatura que nos forneça compreensão e tranquilidade, estímulo e bênção, a fim de que tenhamos paz na execução das tarefas a que fomos chamados no currículo de lições da existência.

¹⁰ Compreendamos que para nos prevenirmos contra divórcio e separação, desajuste ou distância, convém doar aos corações que nos compartilham a experiência, em sentido direto, todo o amor de que sejamos capazes, porquanto só o amor garante as uniões serenas e duradouras e somente aqueles que amam — mas só aqueles que amam realmente — encontram em si próprios a energia precisa para se renovarem, acima de quaisquer circunstâncias adversas, e a força necessária para contar com Deus no desempenho do trabalho que a Lei de Deus lhe traçou para a vida.

Questão de valores .Irmão Saulo

Os problemas da vida terrena podem ser resumidos numa questão de valores. Quando Emmanuel nos explica, através da psicografia de Chico Xavier, que estamos na Terra “sempre à caça de valores espirituais”, não está apenas jogando com palavras nem simplesmente advertindo-nos quanto a problemas morais. As

mensagens de Emmanuel, em geral, colocam-nos em face de questões filosóficas. Em “União” temos uma colocação prática — e por isso mesmo didática — do problema dos valores, que à semelhança do problema do Ser, vem provocando debates e controvérsias desde os gregos até os nossos dias.

Emmanuel não pergunta pela natureza do valor. Mas nos leva naturalmente a compreender a sua essência, e isso através de exemplos corriqueiros da vida cotidiana. Todas as coisas “valem”, para nós, na medida da sua capacidade de transcendência. Basta isso para nos provar, melhor do que longos discursos, que toda a nossa vida na Terra é um esforço contínuo de transcendência. Esse esforço é inconsciente na maioria das vezes, e só se torna consciente na proporção em que despertamos para a compreensão de nós mesmos, como o Oráculo de Delfos ensinou a Sócrates.

“Através de objetos visíveis”, levados pelo fascínio exterior das coisas, buscamos os valores intangíveis do espírito. Mas quando o nosso apego à ilusão sensorial ainda nos prende, nos amarra ao tangível, a posse do objeto desejado nos causa conflito. Namoramos a jovem encantadora ou o jovem elegante e inteligente, noivamos e casamos. Depois, no convívio do matrimônio, percebemos que o encanto espiritual se desfaz na rudeza dos atritos sensoriais. Procurávamos no companheiro ou na companheira “não a pessoa física em si”, mas não entendíamos isso, e o que temos na vida comum é aquilo que não procurávamos. As decepções que então enfrentamos nascem da nossa falta de compreensão dos problemas do espírito.

O amor dos sentidos, que nos impeliu à criatura escolhida, deve amadurecer no processo da união, transformando-se em amor verdadeiro, amadurecendo em amor espiritual. Sem esse amadurecimento os atritos contínuos nos levarão ao rompimento e à frustração. O encanto do ser amado desapareceu com a proximidade e a convivência, porque não soubemos transcender as ilusões sensoriais. É por isso que muitos casais separados voltam a se procurar mais tarde, quando a vida os obrigou a enxergar além dos sentidos. O amadurecimento, através da experiência da vida, produz o desgaste das sensações ilusórias. O Espírito redescobre então, na criatura rejeitada, os encantos espirituais que produziram a fascinação inicial. Mas quantas vezes, nesse momento, as amarguras e os ressentimentos já tornaram impossível o reencontro nesta existência, obrigando então as criaturas a novas tentativas através da reencarnação. Porque as almas se buscam no plano do espírito e não no plano da carne, onde só falam e imperam os instintos animais do corpo.